

# Literatura infantil e juvenil, escola e formação de leitores: diálogos

Vera Teixeira de Aguiar

entrevistada por

Irany André Lima de Souza

Jhennefer Alves Macêdo

Entrevistadoras: Primeiramente, agradecemos sua disponibilidade para esta conversa, que se coloca como ótima oportunidade de conhecermos mais sobre literaturas brasileiras com foco nas literaturas endereçadas às crianças e aos jovens. Gostaríamos de saber, a princípio, como se deu o seu encontro com a literatura e quais foram as obras e os autores que marcaram o seu percurso de formação leitora.

Vera Aguiar: Minha formação leitora começou muito antes de aprender a ler, no ambiente familiar. Ouvi muitas cantigas e histórias na primeira infância, em português e em espanhol (minha avó paterna era espanhola). Lembro, também, das *Histórias da carochinha*, lidas por meu pai, em livros grossos e encadernados. Depois, na escola, já alfabetizada, lia Lobato, Francisco Marins, Viriato Correia, Castro Alves, Olavo Bilac, Casimiro de Abreu, Vicente de Carvalho, Gonçalves Dias, fábulas, lendas e tantos outros textos. Os poemas, quando longos, eram apresentados em fragmentos no livro didático, e a gente aprendia a recitá-los. Em seguida, já no ginásio (hoje anos finais do ensino fundamental), lemos *Poliana*, de Eleanor Porter, *Clarissa*, de Érico Veríssimo, e outras histórias de meninas, pois o Instituto de Educação era uma escola feminina na época. A partir de então, o gosto pela leitura estava instalado, e eu devorava histórias policiais, revistas femininas recheadas de contos de amor e mistério. Foi o período em que me apaixonei pela poesia de Vinícius de Moraes e, logo depois, pelos contos de Machado de Assis. Com eles, aprendi a prestar atenção na linguagem e tentar imitá-los. Descobri que podia escrever, sobretudo prosa, que nunca fui boa em poesia. Mas romances, consegui

produzir quase três, porque para o último não encontrei desfecho que me satisfizesse. Minha carreira de escritora morreu ali.

A partir dos 15, 16 anos, lia os autores brasileiros dos séculos 19 e 20, ao lado dos americanos Ernest Hemingway, Scott Fitzgerald, Mary McCarty, Salinger, Pearl Buck, James Baldwin e outros. Encantava-me o contato com culturas desconhecidas e ambiências novas. A par das indicações escolares, aventurava-me por novos caminhos. Então, descobri os franceses, tanto Balzac e Stendhal como Sartre, Simone Beauvoir, Marguerite Duras. Só mais tarde cheguei aos latino-americanos, como Jorge Luis Borges, Gabriel Garcia Marquez, Mario Vargas Llosa. Bem, minhas leituras se fizeram aleatórias e ecléticas como, de resto, acontece até hoje. Optar por Letras na universidade foi uma consequência natural do meu gosto pela leitura. No entanto, como já tinha uma bagagem razoável para a idade e o nível de estudos, escolhi a licenciatura em língua e literatura grega, propondo-me a voltar às origens da cultura ocidental. Por esses caminhos, meu intento era ligar as duas pontas de minha história de leitura.

Entrevistadoras: O que a motiva a escrever sobre literatura infantil e juvenil e formação de leitores?

Vera Aguiar: Escrever sobre literatura infantil e juvenil e formação de leitores é um ponto de chegada, uma consequência do trabalho que venho desenvolvendo ao longo do tempo. Quando tenho dados suficientes para esboçar conclusões, é chegada a hora de registrá-las. O que me move, pois, é a necessidade de transmitir o que aprendo, de modo que outros professores e pesquisadores possam ir adiante.

Entrevistadoras: Por que trabalhar a literatura infantil e juvenil em sala de aula?

Vera Aguiar: Comecei minha vida profissional trabalhando em escolas públicas, com crianças da periferia de Porto Alegre e, depois, do interior de Estrela e da zona central de Arroio do Meio, duas cidades gaúchas de colonização alemã, do Vale do Taquari. Em todos os lugares, encontrei as mesmas dificuldades: ausência de bibliotecas e atividades de leitura literária, domínio absoluto do livro didático, falta de informação dos professores e de comprometimento dos supervisores e da comunidade escolar (não leitora também). Tal situação continuava a persistir nas escolas da capital do estado, quando passei a lecionar no ensino médio. Daí para o trabalho na secretaria de educação foi um passo: minha proposta para as diretrizes de ensino em elaboração foi a de fazer constar listas de livros para crianças e jovens, como subsídios aos professores. Isso porque estava convencida, e continuo até hoje, de que, em um país como o Brasil, a escola precisa suprir as carências da família, expandindo os horizontes culturais dos estudantes, e o palco para ações dessa natureza é a sala de aula.

Entrevistadoras: Nos últimos anos, muito se tem discutido sobre a importância da mediação da leitura, a qual visa a aproximar os jovens leitores dos livros literários. No entanto, ainda é perceptível a resistência no tocante ao trabalho com a literatura na escola. Em sua concepção, quais os principais entraves para a utilização do texto literário em sala de aula?

Vera Aguiar: Os principais entraves para a utilização do livro literário em sala de aula devem-se, com certeza, à especificidade da arte, que nem sempre sintoniza com as normas pedagógicas. A educação se volta, tradicionalmente, para o preparo das novas gerações com vistas à sua inserção social e ao sucesso profissional. Seu objetivo se cumpre à medida que o sujeito aceita as regras e se comporta como o esperado. Há, portanto, ênfase na cópia e na repetição. A arte, por seu turno, incentiva a imaginação, a criatividade e a liberdade. Educar para a autonomia e a independência exige novos conceitos de ensino, fundados em uma visão de mundo alargada e construtiva. Nesse processo, a literatura e a arte em geral são parceiras solidárias.

Entrevistadoras: Como a senhora percebe as discussões sobre temas “conflitantes” nas literaturas? A senhora é a favor de trabalhar esse tipo de tema em espaços educativos? Por quê?

Vera Aguiar: Se os espaços educativos estiverem a serviço da formação de sujeitos participativos, críticos, capazes de ressignificar questões humanas e sociais, temas “conflitantes” podem estar presentes nos textos literários, respeitados sempre os níveis cognitivos e de maturidade dos alunos. Através do debate e da tomada de posições, todos exercitarão a capacidade de argumentar e o respeito a posturas diferentes. O que não é possível é a defesa do pensamento único.

Entrevistadoras: A senhora acredita que as discussões sobre o “politicamente correto” em relação à linguagem e aos temas podem voltar à tona com a obra de Monteiro Lobato, por exemplo, que cai em domínio público em 2019?

Vera Aguiar: Acredito que muitas cobranças se farão a Lobato, agora que sua obra caiu em domínio público e está sendo bastante reeditada. No entanto, o erro está em julgar Lobato, um homem que nasceu em 1882 e viveu até 1948, a partir de instrumentos críticos atuais, de modos de viver, princípios e valores que regem a sociedade contemporânea. Importante será situá-lo em seu tempo e trazer à luz os desarranjos históricos que o Brasil viveu e que ainda repercutem hoje. Visando a tal perspectiva, é possível avaliar o enorme papel de Monteiro Lobato na construção da modernidade, quer como criador da literatura infantil e juvenil, quer como editor e homem de ideias que aspirou a um país de homens e livros.

Entrevistadoras: Em sua opinião qual a importância de trabalhar os clássicos em sala de aula? Como os professores podem tornar a leitura dos clássicos em

sala de aula uma prática possível e contínua, junto à leitura de obras não canônicas? Em que medida reescritas e adaptações são pertinentes ou não para o trabalho com a literatura em sala de aula?

Vera Aguiar: Os clássicos e as obras não canônicas precisam conviver na sala de aula. Um repertório de leitura, para ser rico, deve ser variado. Metodologias alternativas de ensino contêm propostas que aproximam segmentos diferenciados, organizados por temas, gêneros, linguagem, estrutura, interesses das crianças e dos jovens. Em situações específicas, as reescritas e as adaptações podem conquistar os novos leitores, conectando passado e presente, complexidade e facilitação. Na verdade, não lemos na íntegra todas as obras que conhecemos: pessoas com um pouco de informação sabem das ideias de Marx e Freud, das aventuras de Aquiles e Ulisses, dos dramas de Édipo e Hamlet. Esses conteúdos habitam o inconsciente coletivo e são familiares a todos nós. As versões simplificadas dos clássicos fazem efeito parecido e podem seduzir o leitor inexperiente, montando um lastro para garantir a maturidade leitora.

Entrevistadoras: Tendo em vista as demandas sociais que contribuíram para impulsionar a inserção de certas temáticas, como as indígenas e afro-brasileiras, nas literaturas infantis e juvenis brasileiras (inclusive no âmbito legal), qual a sua visão crítico-literária sobre as obras publicadas para cumprir essa demanda? Como as dimensões sociais podem ser assimiladas pelas literaturas brasileiras sem que se caia no paradidático?

194

Vera Aguiar: Tais temas são muito relevantes, pois dizem respeito à nossa sociedade e repercutem na vida cotidiana. Como a literatura representa simbolicamente o mundo, eles precisam estar presentes nas obras infantis e juvenis. É necessário, no entanto, que a função estética da arte seja preservada. Em outras palavras, o compromisso com o social e o histórico deve ser apresentado a partir de regras artísticas, que estimulam, mediante a organicidade interna, a criação de livros. Do contrário, cairemos no paradidático, que não é literatura.

Entrevistadoras: A respeito da relação entre literatura, tecnologia e sala de aula, sabemos que, além da precariedade de muitas escolas públicas no Brasil, no tocante aos suportes tecnológicos, há um considerável distanciamento entre o tempo de formação acadêmica de muitos professores e o desenvolvimento de novas tecnologias, resultando em um não letramento digital por parte dos próprios docentes. Como a senhora avalia a relação entre as novas tecnologias e o ensino de literatura?

Vera Aguiar: As questões que aí se impõem são a da formação continuada dos professores, a do equipamento das escolas e a da busca de novas formas de interagir em sala de aula. Tenho vários *e-books* (materiais digitais) de acesso gratuito, que visam a atender aos mestres e alunos. Quando planejei, com minha equipe de pesquisa, tive sempre em vista o mundo de amanhã.

---

Vera Teixeira de Aguiar, doutora em Letras, vinculada à Teoria da Literatura, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), é professora titular aposentada dessa universidade, onde exerceu atividade docente nos níveis de graduação, especialização, mestrado e doutorado. As pesquisas que desenvolve abarcam discussões relacionadas com a literatura juvenil brasileira, os jogos digitais na leitura literária, a literatura juvenil e a formação do leitor, a leitura literária para séries iniciais, a poesia e a criatividade, entre outras. Publicações recentes: *Entre livros e leitores: escritos vários* (2016); *Literatura infantil e juvenil: leituras plurais* (2015); *Poesia infantil juvenil brasileira: uma ciranda sem fim* (2012); *Heróis contra a parede: estudos de literatura infantil e juvenil* (2010); *Teclas e dígitos: leitura, literatura e mercado* (2010).

vera.t.aguiar@gmail.com

Irany André Lima de Souza, mestre em Letras, é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), vinculada à área de Literatura, Teoria e Crítica, seguindo a linha de Leituras Literárias.

iranyals@gmail.com

Jhennefer Alves Macêdo, mestre em Letras, é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), vinculada à área de Literatura, Teoria e Crítica, seguindo a linha de Leituras Literárias.

jhenneferufpb@outlook.com

Recebido em 21 de junho de 2019

Aprovado em 27 de junho de 2019